

PERSPECTIVAS

VOL. II

Filosofia,
Psicanálise e
Antropologia

Amaury Meller Filho
Daniela Valentini
Junior Cunha
(Organizadores)



PERSPECTIVAS

Amaury Meller Filho
Daniela Valentini
Junior Cunha
(Organizadores)

PERSPECTIVAS

Filosofia, Psicanálise e Antropologia

Vol. II

Primeira Edição E-book



TOLEDO-PR
2020

Copyright 2020 by Organizadores
Gerente Editorial Ana Karine Braggio
Revisão Amanda C. Schallenberger Schaurich
Mônica Chiodi
Editores Assistentes José Luiz G. Mariani
Medéia Lais Reis
Valdenir Prandi
Corpo Científico Dr. José Aparecido Pereira - PUCPR
Dr. Lorivaldo do Nascimento - UFFS
Dr.^a Lurdes de Vargas Silveira Schio - UNIOESTE
Dr. Tiago Soares dos Santos - IFPR
Capa e Diagramação Junior Cunha

Instituto Quero Saber

CNPJ: 35.670.640./0001-93

www.institutoquerosaber.org

editora@institutoquerosaber.org

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P466 PERSPECTIVAS: filosofia, psicanálise e antropologia - vol. II. / organizadores, Amaury Meller Filho, Daniela Valentini, Junior Cunha. 1. ed. e-book - Toledo, Pr: Instituto Quero Saber, 2020.
118 p.

Modo de Acesso: World Wide Web:
<<https://www.institutoquerosaber.org/editora>>
ISBN: 978-65-87843-13-1

1. Filosofia. 2. Psicanálise. 3. Antropologia.
I. Título.

CDD 22. ed. 100

Rosimarizy Linaris Montanhano Astolphi - Bibliotecária CRB/9-1610

Todos os direitos reservados aos Organizadores

O conteúdo dos textos aqui publicados é de exclusiva responsabilidade dos seus respectivos autores

SUMÁRIO

Apresentação	7
I “EMPODERAMENTO DIGITAL”? SUAS IMPLICAÇÕES NO <i>ETHOS</i> E NA ATIVIDADE POLÍTICA ATUAL	
<i>Rodrigo Lopes Figueiredo</i>	
<i>Marta Rios Alves Nunes da Costa</i>	11
II ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS À <i>METAFÍSICA</i> DE ARISTÓTELES	
<i>Igor de Matos Ramos</i>	45
III EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E A PSICANÁLISE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL	
<i>Fernando Alves Grumicker</i>	61
IV COMENTÁRIOS SOBRE O EXISTENCIALISMO SARTREANO E A PEÇA <i>ENTRE QUATRO PAREDES</i>	
<i>Cristiele Rhoden</i>	
<i>Junior Cunha</i>	81
V REAÇÕES PESSOAIS FRENTE ÀS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE CIDADE: (SOBRE)VIVER NA PANDEMIA	
<i>Marina Garcia Lara</i>	
<i>Aloir Pacini</i>	93

IV

COMENTÁRIOS SOBRE O EXISTENCIALISMO SARTREANO E A PEÇA *ENTRE QUATRO PAREDES*

*Cristiele Rhoden**

*Junior Cunha***

Resumo: Aborda-se neste ensaio o existencialismo sartreano e a peça *Entre Quatro Paredes*. É levantada a questão sobre a liberdade dos seres humanos em comporem sua essência e a angústia proveniente da constante necessidade de fazer escolhas. A filosofia existencialista de Sartre é exposta a partir de conceitos chave para a compreensão da obra do filósofo francês – Liberdade, Angústia, Nada e Outro. Por fim, com base na peça *Entre Quatro Paredes* traz-se a lume o questionamento se, de fato, o inferno são os outros?

Palavras-chave: Liberdade. Angústia. Outro.

Abstract: Sartrean existentialism and the play *Entre Quatro Paredes* are discussed in this essay. The question is raised about the freedom of human beings to compose their essence and the anguish arising from the constant need to make choices. Sartre's existentialist philosophy is exposed based on key concepts for understanding the French philosopher's work – *Freedom*,

*Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

E-mail: rhoden375@outlook.com.

**Aluno regular de Mestrado em Filosofia (Bolsista CAPES) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: juniiorlcunha@hotmail.com.

Anguish, Nothing and Other. Finally, based on the play *Entre Quatro Paredes*, the question arises whether, in fact, hell is the other?

Keywords: Freedom. Anguish. Other.

4.1 INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre, um francês parisiense, testemunhou as duas grandes guerras mundiais, que, em especial a segunda, lhe serviram como pontos de referência em sua filosofia existencialista. Nasceu em 1905 e faleceu em 1980, destacando-se entre os intelectuais pós-guerra. A cada nova publicação, sua repercussão ultrapassava as fronteiras francesas e se alastrava por toda a Europa. Reconhecidamente uma figura pública, um dos precursores dos “intelectuais públicos”, ao lado de Simone de Beauvoir (1908-1986), militava nos movimentos políticos de esquerda.

Foi o primeiro filósofo a intitular-se como existencialista, denominação que Heidegger (1889-1976), Dilthey (1833-1911) e demais filósofos influenciados pela fenomenológica de Husserl (1859-1938), além de recusarem, rechaçaram, explicando, em parte, o grande vácuo entre a filosofia de Sartre e a do autor de *Ser de tempo* (1927), não raras vezes, equivocadamente, postas em comparação. Além de suas obras estritamente filosóficas, se destacam, pelo teor reflexivo dadas a elas, suas obras literárias, como o romance *A Náusea* (1958) e suas peças de teatro, como *Entre Quatro Paredes* (1944).

Fortemente incentivado por Beauvoir, a obra *A Náusea*, o primeiro romance do filósofo parisiense, influência em muito a sociedade de sua época – ainda abalada pelas atrocidades cometidas pelo regime nazista comandado por Hitler – a pensar a liberdade, um dos temas centrais abordado por Sartre na referida obra. Em sentido

lato, a liberdade, segunda pensa o filósofo em voga, se caracteriza pelas escolhas que o ser humano faz de si mesmo e do mundo ao seu entorno. Ser livre, nesse sentido, é viver tendo que constantemente estar forçado a realizar escolhas.

Malgrado a possibilidade de realizar escolhas ao qual se está submetido, infere-se também, a partir daí, que ao escolher A, por exemplo, entre A e B, automaticamente se recusa B. Quando então nos referimos a vida, sempre que realizamos uma escolha, indica que deixamos de escolher outras incontáveis possibilidades. A quimera que nos sobrepuja, no entanto, é que no âmbito de nossa existência jamais saberemos o que resulta de uma possibilidade não escolhida. Mais ainda, o ser humano é o único responsável por seus valores e por tudo que faz de si.

4.2 O EXISTENCIALISMO SARTREANO

A filosofia existencialista de Sartre, nos diz que somos obrigados a realizar escolhas, portanto, inevitavelmente, a cada decisão que tomamos somos condenados ao que dela resultar. Nossa vida é, por conseguinte, fatalmente proveniente das escolhas que realizamos. Logo, na filosofia sartreana, não há determinismo ou destino que impere sobre nossas vidas, estamos apenas sob o julgo de nossas escolhas e do que delas advirem. O ser humano, em conformidade com o pensamento de Sartre, manifesta-se no mundo por meio de suas escolhas: o ser humano primeiro existe e, de sua existência, por meio de suas escolhas, forma a sua essência. Em outros termos, a existência precede a essência, a essência é criada pelo ser humano.

O Ser humano, nesse sentido, é um ser-no-mundo o que implica dizer que não se compara aos demais entes e seres, estes

possuem suas essências previamente definidas, o ser humano, por sua vez, estabelece sua essência por meio de um processo constante enquanto perdurar sua existência. A essência humana se difere de um ser humano para outro e não pode ser encarada de forma estática ou acabada, mas que se modifica ao passo que as escolhas são tomadas. Dito de outro modo, estão sob o jugo de uma liberdade absoluta, fadados a definirem-se por meio de suas escolhas e ações. A própria consciência de si mesmo é um fluxo em constante mudanças.

Nesse contexto, outro conceito chave da filosofia de Sartre deve ser mencionado: o *Nada*. O ser humano nasce como *Nada*, isto é, *a priori* é um ser indeterminado e que carece de um sentido que defina sua existência. O próprio existir é posto em questão pelo *Nada*. A falta de sentido suscita no ser humano o desespero de ter de encarar o peso de sua existência indeterminada. Logo, suas escolhas devem ser encaradas como meios de atribuírem sentido à própria existência. Ao ser humano está dado sua condição de livre escolha e, portanto, todo o que fizer de si é um produto de sua liberdade.

De acordo com Sartre, a consciência de possuir essa total liberdade, ou seja, de ter a possibilidade de realizar escolhas, provoca no ser humano um sentimento inquietante, que o filósofo denominado angústia. A consciência de sua liberdade, bem como sua consciência do *Nada* – igualmente angustiante –, surge em meio a uma crise existencial, isto é, quando o ser humano nota as limitações de sua existência e passa a questionar as suas escolhas tomadas ao longo de sua vida.

O sentimento de angústia pelo qual é tomado frente as suas limitações, leva o ser humano a perceber que é um ser indeterminado e que sua existência não possui um motivo ou sentido prévio que explique-a e que, embora, seja responsável por sua história, isto é, que fez as escolhas durante toda sua vida o levando ao ponto em que se encontra, é impotente frente ao peso de sua existência e que por mais

que se esforce não é capaz de atingir e dar a si mesmo um sentido que satisfatoriamente justifique sua existência.

A consciência do *Nada* faz com que o ser humano se depare com o abismo que há entre o que é e o que gostaria de ser, em outras palavras, que a existência enquanto uma vida plena é inatingível. O ser humano se vê como *Nada* frente ao seu passado e descontente com o presente que está vivendo, resta-lhe apenas as projeções que faz para seu futuro, mas que ainda não às realizou. Logo, está a encargo de fazer com que o futuro projetado se concretize. Nesse sentido, implica dizer que o ser humano, inevitavelmente, se encontra na posição de único capaz de alcançar o que pretende.

O ser humano, portanto, segundo a filosofia de Sartre, nasce sem nenhuma natureza que o anteceda. Nesse sentido, Deus, plano divino, figuras transcendentais, destino ou qualquer outra concepção determinista não exerce influência alguma sobre a existência humana. A existência humana é caracterizada pela total liberdade e é por meio desta que o humano escolherá ser o que desejar ser e, do mesmo modo, estabelece sua essência. Igualmente, seus valores morais serão formados mediante as escolhas das quais não pode fugir, mesmo que entre incontáveis possibilidades opte por nenhuma já está fazendo uma escolha.

A angústia proveniente da necessidade constante de ter de fazer escolhas, afirma Sartre, se dá devido as inquietações existenciais as quais, inevitavelmente, todo ser humano está submetido, ou melhor, o ser humano sempre terá de arcar com a responsabilidade de ter que optar entre as diversas opções que a sua existência lhe colocar em sua frente. Quando, então, diante de determinado contexto, o ser humano sempre poderá conformar-se, aceitar ou intervir na situação. A melhor maneira de afirmar sua existência, portanto, é assumir a inevitabilidade de que sempre terá escolhas por fazer, mesmo que isso lhe cause angústia. A angústia também se dá, segundo o filósofo

parisiense, quando o ser humano reconhece que os valores são estabelecidos individualmente e que são únicos. Nesse sentido, os determinismos cultivados pela sociedade, por exemplo, a igreja ou partidos políticos, são inúteis. A essência de cada ser humano é, e só pode ser moldada por ele próprio.

Sendo cada ser humano responsável pelos caminhos que sua existência toma, cada um deve preocupar-se pelas escolhas que faz diante as várias possibilidades que são apresentadas, isto pois, cada ser humano responde por suas escolhas, não podendo atribuir culpa ao *Outro* pelo que escolhe ou deixa de escolher, dessa forma, os sucessos ou fracassos que resultarem dos caminhos que escolhem caminhar, ou seja, das opções que optam frente a outras, são de inteira responsabilidade de cada ser humano. Escreve Sartre (1997, p.545) em *Ser e o nada*:

O homem é livre porque não é si mesmo, mas a presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser. [...], para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser.

Para Sartre, não há limites para nossa liberdade, com exceção do fato de não sermos livres para não sermos livres, em outros termos, a liberdade é um fardo que acompanha toda nossa existência, somos condenados a ser livres. Segue daí, que cada ser humano é obrigado a fazer de si o que desejar. Entre as inúmeras possibilidades que se apresentam a sua existência está a liberdade de mudar de vida quantas vezes quiser, saciar ou ignorar seus desejos, buscar novos sentidos a

sua existência etc. Em suma, o ser humano está apenas sob o peso de sua liberdade.

O peso da liberdade, entretanto, segundo o filósofo em voga, somando-se com as responsabilidades do que se resulta de nossas escolhas, provoca no ser humano um sentimento ambivalente de poder e medo. A título de exemplo, se o ser humano se colocar à beira de um penhasco sentirá o medo de cair e sentirá a angústia de pensar que nada, absolutamente nada, o impede de jogar-se lá embaixo, de lançar-se no abismo. O que de mais angustiante pode tomar o ser humano é a consciência que só cabe a ele decidir pular ou não pular. O peso da responsabilidade de decidir a cada momento o que fazer pode tornar a vida insuportável.

A angústia também acomete o ser humano quando este tem a consciência total de sua liberdade e em que isso implica em sua existência, ou seja, ao gozar de sua liberdade o ser humano pode optar por caminhos os quais não oferecem vias de retorno. É, portanto, angustiante saber que estamos sujeitos a escolhas equivocadas e irremediáveis. Ademais, o ser humano pode, ainda, angustiar-se ao se deparar com resultados inesperados de suas escolhas. Nesse sentido, o ser humano é a base de sua existência, são suas escolhas que fundamentam sua essência, entretanto, está sujeito a fazer escolhas que se voltam contra si.

Assim como a liberdade é a existência humana, a angústia se apresenta do mesmo modo. O ser humano sempre se angustiará, pois nunca estará plenamente capacitado para lidar com o peso de sua liberdade ou com as consequências de suas escolhas. Para mais, o futuro sempre lhe parecerá desafiador, fazendo-o contrastar o que é com o que deseja ser. Desse modo, ao mesmo tempo que a liberdade é almejada é também causadora de incertezas.

Em grande parte das situações que exigirem uma escolha que inevitavelmente afetará o curso de seu futuro, o ser humano terá medo

e poderá ser tomado pelo sentimento de *Nada*, isto é, o vazio ou a ausência de sentido que o faz questionar suas escolhas. Se a existência do ser humano é marcada pela liberdade, na mesma proporção é marcada pela incerteza. A incerteza de ter feito a decisão correta; a incerteza pelo que teria sido se houvesse feito outra escolha; a incerteza pelas consequências que viram das escolhas feitas ou deixadas de se fazer.

Se diante da angústia se pode acentuar o quão frágil é o ser humano, do mesmo modo é possível enfatizar a responsabilidade que tem sobre sua existência. Nesse sentido, conhecer-se é um fator fundamental para lidar com a angústia. Cada ser humano é o único que pode exercer controle sobre si mesmo e dar sentido a sua vida:

Sou responsável por tudo, de fato, exceto por minha responsabilidade mesmo, pois não sou o fundamento do meu ser. Portanto, tudo se passa como se eu estivesse coagido a ser responsável. Sou abandonado no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água; mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer, desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades (SARTRE, 1997, p.680).

É por meio da liberdade, portanto, que é possível ao ser humano realizar seus objetivos e, dentre todas as possibilidades, realizar o mais importante à existência, isto é, assumir a inevitabilidade de ter de fazer escolhas e o que delas advêm. Em *O Ser e o Nada* (1997), Sartre diz que a existência humana é um projeto a ser realizado, uma vez que os seres humanos não possuem uma essência definida e, por isso, está em constante construção. Sartre, em seus escritos, como já foi aludido, sempre buscou refletir sobre questões relacionadas com a existência humana e encontrou no teatro um

ótimo meio para expor seus conceitos filosóficos, como é o caso de *Entre Quatro Paredes*, onde Sartre expõe sua visão sobre o *Outro* e as angústias provenientes da liberdade.

4.3 O INFERNO SÃO OS OUTROS?

Entre Quatro Paredes foi escrita em 1944, em plena Segunda Guerra Mundial e, por conta das precárias condições econômicas à época, a peça possui um único e simples cenário: sobre o palco havia apenas um sofá, um criado mudo e uma estátua de bronze sobre este. Toda a peça é representada em único Ato, dinâmico e sem rodeios. Além de causar impacto ao ser encenada a peça também pode proporcionar uma impactante leitura quando feita em um único fôlego.

A peça se passa no inferno e possui apenas quatro personagens: o Criado, um coadjuvante com poucas falas, mas de função dramática importante e indispensável no início da peça. Garcin, um diretor de jornal que almejava ser um herói, mas não foi mais que um covarde em vida e também agora no inferno; um grande canalha e péssimo marido. Estelle, uma esnobe que se casa com um homem mais velho e rico para subir na vida; matou um bebê que teve com seu amante. Por fim, Inês, uma funcionária dos correios e com tendências sadomasoquistas; causava intencionalmente o sofrimento alheio. Entre os três protagonistas, Inês é a única personagem que reconhecerá sua culpa.

Um ponto a ser destacado na peça é que vemos logo em seu início a desconstrução da imagem estereotipada que há do inferno e uma nova imagem sendo construída conforme os personagens vão se conhecendo. Há, portanto, grandes diferenças entre o inferno cristão e o inferno existencial, por assim dizer, mas este

pode ser tão castigador quanto o primeiro. O inferno concebido por Sartre não é representado por torturas, rios de fogo e enxofre, e sim expressado pela afirmação de Garcin: *O inferno são os Outros*.

O que é posto em destaque por Sartre em *Entre Quatro Paredes* é o constante e interrompido olhar de uns sobre os outros. Ao longo do primeiro diálogo da peça, entre o Criado e Garcin, somos informados que no cômodo onde os personagens passarão a eternidade não se apaga as luzes e não há onde ou como dormir, com o tempo nem mesmo será possível piscar. No cômodo também não há espelhos e nem qualquer outro objeto que possa ser utilizado como tal. O único castigo que há no inferno de *Entre Quatro Paredes* é um paradoxo: os personagens só podem verem a si mesmos por meio do olhar de uns dos outros.

É isso que observamos no triângulo de *Entre quatro paredes*: Estelle precisa do olhar de Garcin para manter sua imagem de bela e desejável. Garcin precisa do olhar de Inês para se justificar de sua covardia e Inês precisa do olhar amedrontado dos outros dois para manter sua escolha de manipuladora. Porém, ao mesmo tempo, em que desejam esse olhar [...], este mesmo [olhar] é o inferno para cada um deles, em outras palavras, “aquele que me olha”, é sempre o meu carrasco (MENDES CAMPOS, 2008, p.4).

Com *Entre Quatro Paredes*, Sartre põe em foco o grande conflito que há entre os seres humanos. Para o filósofo, os seres humanos são consciências livres e, devido a isso, estão em um constante arranjo de encontros e desencontros. “Quando o olhar do outro está em harmonia com minhas expectativas não há conflito, mas quando isso não acontece, ele configura para mim um espelho crítico que aponta minhas falhas e mentiras” (MENDES CAMPOS, 2008, p.4). Sem poderem olharem para si a não ser pela visão dos demais, Garcin, Estelle e Inês, além de

conviverem com seus defeitos, também são forçados a encararem o olhar julgador do *Outro*. Para Jacoby e Carlos (2005, p. 50):

[...] é a apreensão da consciência de si mesmo que descobre o outro, como aquele que retorna a verdade da minha imagem e afirma minha existência. Isso pressiona meu olhar a também servir para voltar-se sobre o Eu, agora objeto-sujeito, indagando a própria identidade. Esta reflexão sustenta a afirmação do autor de que somos situados no mundo pelo Outro, identificado como a transcendência transcendida.

Dito de outro modo, a consciência de si é revelada ao Ser e ao *Outro* por meio do encontro entre os seres. Segue-se daí o quão decisivo é para si próprio o olhar do *Outro*. Mas há uma outra reflexão a ser feita frente ao inferno concebido por Sartre: os três protagonistas de *Entre Quatro Paredes* possuíam o que podemos chamar de falhas morais e, por conta disso, eram castigados e castigadores uns dos outros, mas e quando o *Outro* julga e castiga por algo que não é uma falha, longe disso, é um erro grotesco de julgamento ou de pré-conceito? Quando o *Outro* olha para um judeu e não vê um ser humano? Quando o *Outro* olha para uma mulher com roupas curtas e a julga como um objeto sexual? Ou quando o *Outro* olha um negro e sumariamente o condena como um bandido? Não sei se, de fato, “o inferno são outros”, mas certamente há momentos em que, principalmente, grupos minoritários são levados para campos de concentração, abusados sexualmente ou presos injustamente por outros.

REFERÊNCIAS

JACOBY, Márcia; CARLOS, Sergio Antonio. O eu e o outro em Jean Paul Sartre: pressupostos de uma antropologia filosófica na

construção do ser social. In: *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line*, ano V, v.1, 2005.

MENDES CAMPOS, Carolina. A psicanálise existencial de Jean-Paul Sartre na peça “Entre Quatro Paredes”: o jogo de espelhos do encontro com o Outro. In: *Anais do I Simpósio de Psicologia Fenomenológico-Existencial*. BH: Fundação Guimarães Rosa, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre Quatro Paredes*. Trad. Guilherme de Almeida. São Paulo: Abril, 1977.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica*. Trad. Paulo Perdigão. 5º ed, RJ: Vozes, 1997.

PERSPECTIVAS

A coleção *Perspectivas* projeta-se sobre o horizonte como um farol a guiar aqueles que se propuserem e ousarem navegar os vastos oceanos do conhecimento. Os textos que integram este segundo volume representam com profundidade questões argutas e proeminentes da humanidade. Questões que causam incomodo e levam a reflexão. Em suma, questões que suscitam novas perspectivas sobre a vida e o mundo que nos cerca. Uma questão arguta e promitente é aquela que perpassa o senso comum e astuciosamente nos provoca. Nos desestabiliza. Nos leva a (re)considerar as bases que dão sustentação ao que conhecemos. Descartes, na filosofia; Newton, na ciência; Kafka, na literatura – entre outros – são exemplos de pensadores que se sentiram incomodados.

